

Sandonaity Monteiro Amorim Júnior
(organizador)

Cultura pop & teologia

Diálogos



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

SUMÁRIO

Prefácio 7

1. Personagens messiânicos em histórias em quadrinhos 13
2. Uso de desenhos animados, animes e filmes na educação religiosa de crianças e jovens 27
3. O discurso religioso na animação *Nimona*: uma crítica à intolerância e a violência 41
4. Sorte ou providência: uma chave de leitura para *O Hobbit* e o romance de José 61
5. As crenças e práticas budistas e xintoístas no mangá *Lobo Solitário* 85
6. Sisko e Cristo: catolicismo e messianismo em *Star Trek: Deep Space Nine* 101
7. A vida artificial como ameaça: ficção científica e imaginário religioso 125

PREFÁCIO

*José Alves Paiva Júnior*¹

A cultura pop, qual oceano de imagens e narrativas, ressoa nas almas contemporâneas como um espelho multifacetado das inquietações humanas. Em um universo onde a cultura pop se tornou a língua franca das novas gerações – permeando desde as prateleiras de gibis até os algoritmos de *streaming* –, surge uma inquietação: como a teologia enquanto o estudo sobre Deus ou a narrativa da fé que concebe Deus, dialoga com narrativas aparentemente efêmeras, mas profundamente enraizadas no imaginário coletivo?

“*Cultura Pop & Teologia: Diálogos*” assume a tarefa de desenvolver essa reflexão a partir de um mosaico de análises que revelam como quadrinhos, filmes, animações e séries carregam em suas entranhas questões espirituais, éticas e metafísicas. No entrelace sutil entre fé e ficção, sagrado e profano, entre o mito e a mídia, entre teologia e entretenimento, entre tradição e inovação “*Cultura Pop & Teologia: Diálogos*” se apresenta como articulador de diálogo e construtor de pontes. Nesse sentido, pode-se dizer que esta obra celebra as interseções e travessias que revelam como o imaginário religioso se reconfigura e se amplia no espaço da cultura pop contemporânea.

Assim sendo, este livro é um convite a enxergar na cultura de massa não um oposto ao sagrado, mas um espelho onde se refletem, de modo fragmentado e criativo, os grandes dilemas da condição humana. Por esta razão, convém destacar que a proposta deste livro é dupla: primeiro, decifrar como a teologia se infiltra nas narrativas pop; segundo, demonstrar como a cultura pop, por sua vez, desafia e reinventa a própria teologia, uma vez que, nesta obra, a fantasia e a ficção científica se revelam como territórios de transcendência.

1 Mestre em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP (2018). Possui graduação em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN (2012). Bacharel em Teologia pela Faculdade Católica do Rio Grande do Norte - FCRN (2016). É professor de Dogmática na Faculdade Católica do Rio Grande do Norte - FCRN. Doutorando de Teologia Dogmática na Pontifícia Universidade Gregoriana - Roma (Início 2021). E-mail: prof.paivajr@gmail.com.

Os sete capítulos que compõem este livro formam uma bricolagem de abordagens, unidas pela convicção de que a teologia deve sair do exílio e adentrar as salas de cinema, as prateleiras de HQs e os playlists de *streaming*. Cada ensaio é uma janela para um diálogo específico, e juntos, eles tecem uma rede de significados que revela a complexidade dessa interseção.

Carlos Caldas abre a obra mergulhando no coração das HQs estadunidenses, desvendando como super-heróis como Superman, Capitão América e até o violento Wolverine encarnam arquétipos messiânicos. O capítulo não se limita a comparar esses personagens a figuras bíblicas; ele investiga como o conceito de “messias” foi secularizado e ressignificado em um contexto pós-moderno. Enquanto o messias bíblico é um redentor divinamente escolhido, os heróis da Marvel e DC são frequentemente anti-heróis, marcados por falhas e ambiguidades. Caldas argumenta que essa transformação reflete uma sociedade cética quanto a salvadores perfeitos, mas ainda ávida por figuras que encarnem esperança em meio ao caos. Ao cruzar exegese bíblica com análise de quadrinhos, o autor demonstra como a cultura pop atualiza mitos antigos para falar de trauma coletivo, justiça social e redenção pessoal.

O segundo capítulo “revoluciona” a noção tradicional de catequese, propondo que filmes como *Vida de Inseto* ou animes como *Fullmetal Alchemist* podem ser ferramentas pedagógicas poderosas. Os autores partem de uma premissa ousada: se a geração Z e *Alpha* consomem histórias em telas, a Igreja deve falar sua língua. O texto não se contenta em defender o uso de mídias; ele oferece metodologias práticas, como a “leitura teológica de cenas”, onde educadores guiam jovens a identificar temas como sacrifício, perdão ou justiça em narrativas aparentemente seculares. Um exemplo brilhante é a análise de *O Rei Leão*, reinterpretado à luz do ciclo de morte e ressurreição cristã. O capítulo também responde a críticos que veem risco na “mundanização” do sagrado, argumentando que a encarnação – Deus que se fez carne – legitima o diálogo com a cultura.

Augusto Lívio elege a animação *Nimona* (2023) como estudo de caso para uma reflexão contundente sobre dogmatismo e exclusão. A personagem-título, uma metamorfa que desafia normas de gênero e espécie, é lida como alegoria das minorias marginalizadas por discursos religiosos opressores. O vilão Instituto do Reino, com sua retórica de “pureza” e “ordem”, espelha instituições eclesiais que historicamente legitimaram perseguições. Lívio não se limita a denunciar; ele propõe que *Nimona*

oferece um modelo de espiritualidade inclusiva, onde o sagrado se manifesta na aceitação do “outro” – encarnado na frase-chave: “Eu vejo você, Nimona, e você não está sozinha”. O capítulo é um manifesto pela teologia queer, mostrando como a cultura pop pode ser profética ao confrontar hierarquias eclesiásticas com mensagens de amor radical.

Sandonaity Monteiro entrelaça duas narrativas aparentemente díspares – O Hobbit e a história de José do Egito – para explorar um dos temas mais espinhosos da teologia: a coexistência da providência divina com o livre-arbítrio humano. Por que Bilbo encontra o Um Anel “por acidente”? Por que José é vendido como escravo, apenas para se tornar salvador do Egito? O autor revela como ambas as histórias rejeitam simplificações. Nem o acaso cego (sorte), nem um determinismo rígido (providência), mas uma dança complexa entre escolhas humanas e um “plano maior”. A análise brilha ao comparar os sonhos proféticos de José com as visões de Gandalf, sugerindo que a providência, em Tolkien e na Bíblia, age não através de milagres espetaculares, mas na centelha sutil de eventos cotidianos.

Marcelo Carneiro nos transporta ao Japão feudal através do mangá Lobo Solitário, desvendando como crenças budistas e xintoístas moldam a jornada do samurai Ogami Itto. O capítulo vai além da análise superficial de símbolos religiosos; ele explora a ética ambígua do protagonista, que, mesmo sendo assassino por profissão, segue rigorosos rituais de purificação xintoístas. Carneiro mostra como a violência extrema da narrativa não é glorificada, mas contextualizada dentro do conceito budista de karma e da impermanência (mujō). A figura de Daigoro, filho do protagonista, é interpretada como um bodhisattva em miniatura – uma centelha de inocência em um mundo corrompido. O ensaio é uma aula sobre como religiões não ocidentais podem oferecer chaves de leitura ricas para obras pop, desafiando a hegemonia cristã nas análises teológicas.

Eduardo Pacheco Freitas enfrenta um paradoxo: como uma série secular como Star Trek, fundada no humanismo racionalista de Gene Roddenberry, acabou gerando Deep Space Nine, cujo protagonista, Benjamin Sisko, é um “messias negro” em um conflito cósmico? O capítulo desvenda a evolução da franquia, mostrando como Deep Space Nine subverteu o utopismo original ao introduzir temas como trauma pós-colonial (a ocupação cardassiana de Bajor) e espiritualidade alienígena. Sisko, um homem cético forçado a aceitar seu papel como “Emissário dos Profetas”,

personifica a tensão entre fé e razão. Freitas traça paralelos audaciosos entre a narrativa de Sisko e a cristologia, questionando: pode um messias ser relutante? Como conciliar liderança militar com vocação espiritual? A análise é um marco ao mostrar que até em universos ficcionais “seculares”, o sagrado ressurgiu de formas inesperadas.

Cleber Baleeiro encerra o livro com uma reflexão urgente sobre inteligência artificial, analisando desde *Ex Machina* até *Westworld*. Seu argumento central é que o medo de “robôs assassinos” e a fascinação por andróides como Data (de *Star Trek*) revelam ansiedades teológicas profundas: o que acontece quando o humano brinca de ser Deus? Baleeiro recorre a Agostinho de Hipona para discutir ética da criação, e a teólogos contemporâneos como

Catherine Keller para pensar a “alma” das máquinas. O capítulo provoca: se a IA algum dia desenvolver consciência, as religiões estarão preparadas para reconhecê-la como “vida sagrada”? A conclusão é perturbadora: a ficção científica não apenas prevê o futuro tecnológico, mas molda nosso imaginário ético sobre ele.

Aqui, como se vê, os super-heróis são reconfigurados como arquétipos messiânicos, os contos fantásticos ressoam como mitologias e a ficção científica questiona os limites da humanidade e da criação. Da redenção de personagens em quadrinhos às críticas sociais de animações, cada capítulo deste livro revela um fragmento da relação dialética entre cultura pop e espiritualidade, entre entretenimento e busca por sentido.

Vale destacar que esta obra se insere em um movimento acadêmico global. Nos EUA, o *Theology and Pop Culture* é disciplina estabelecida; no Brasil, pesquisadores como Jung Mo Sung e Edênia Amaral já exploraram a espiritualidade em novelas e funk. Contudo, *Cultura Pop e Teologia: Diálogos* avança ao tratar a cultura pop não como ilustração de conceitos teológicos prontos, mas como interlocutora capaz de desafiar a própria teologia. Por exemplo: o messianismo falho de Sisko questiona a ideia tradicional de um Cristo impecável; a ambiguidade moral de Ogami Itto desafia noções maniqueístas de bem e mal.

Os autores não ignoram os riscos dessa abordagem. Há o perigo de reduzir o sagrado a entretenimento, ou de forçar paralelos onde não existem. O capítulo sobre educação religiosa, por exemplo, reconhece que nem todo filme é pedagogicamente útil – alguns podem banalizar a

fé. Da mesma forma, a análise de Nimona enfrenta a acusação de “anacronismo”, já que a animação não foi criada com intenções teológicas. Contudo, como defendem os autores, a teologia sempre trabalhou com interpretação criativa, desde os Padres da Igreja que liam Virgílio à luz de Cristo até Luther King usando O Senhor dos Anéis em sermões.

“*Cultura Pop & Teologia: Diálogos*” não é um livro sobre “Deus nos quadrinhos” ou “lições bíblicas em filmes”. É uma obra que demonstra como a cultura pop e a teologia podem dialogar. Se a teologia oferece lentes para decifrar símbolos ocultos em narrativas pop, a cultura pop, por sua vez, devolve perguntas desconfortáveis: Como falar de redenção em um mundo de anti-heróis? Como crer na providência em tempos de pandemias e guerras?

Aos leitores, amantes de cultura pop, este livro convida-os a descobrir nas histórias que amam ecos de tradições milenares. Aos leitores, amantes da Teologia e/ou das Ciências da Religião, esta obra convida-os a enxergarem nas séries e HQs não como rivais, mas aliadas na busca por respostas que transcendem o efêmero. Aos demais leitores, o livro é um convite à contemplação, ao diálogo e ao mergulho nos mistérios que conectam a existência humana e que iluminem tanto as telas quanto os púlpitos.

Às vozes corajosas que compõem esta obra, desde a organização aos capítulos, o devido reconhecimento e reverência por transformarem gibis em pergaminhos e episódios de tv em sermões. Que o trabalho ousado de vocês inspire novas leituras, novas perguntas e novas formas de perceber o sagrado que pulsa no coração da cultura pop e a cultura que reinventa, repropõe e amplia o sagrado no mundo contemporâneo.

1

PERSONAGENS MESSIÂNICOS EM HISTÓRIAS EM QUADRINHOS¹

Carlos Caldas²

O objetivo geral deste livro é apresentar interfaces, aproximações, convergências e pontos em comum entre elementos da cultura *pop* – veiculada por produtos culturais como histórias em quadrinhos – doravante, HQs – filmes, *games*, e conteúdos de natureza religiosa e/ou teológica. O pressuposto operacional básico do livro é que tais elementos religiosos e/ou teológicos podem constituir-se, e, não raro, efetivamente constituem-se, em chaves de leitura para os mencionados produtos. Tais produtos têm sido objeto de análises acadêmicas a partir de perspectivas de saberes como sociologia, análise literária, história e psicologia. Não há dúvida que se tratam de estudos conduzidos com rigor acadêmico e metodológico. Sem embargo das contribuições provenientes destas análises, muito pelo contrário, lançando mão delas, a presente obra pretende explorá-las na ótica dos estudos de religião e da reflexão teológica. Afinal, a abordagem de peças da cultura *pop* pela chave interpretativa das ciências da religião e da teologia tem cada vez mais sua cidadania acadêmica firmada e reconhe-

- 1 Este capítulo é a adaptação de uma aula dada pelo autor no curso *The Bible and Popular Culture*, da Faculdade de Teologia da Universidade de Auckland, em 17 de abril de 2024, de uma apresentação para o Grupo de Pesquisa Teogeeek da Faculdade de Teologia da Universidade Metodista de São Paulo, e de uma comunicação oral apresentada no V Conced – Congresso Nacional de Ciência e Educação, em 18 de setembro de 2024 na Unicatólica do Rio Grande do Norte em Mossoró-RN.
- 2 Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, com estágios de pós-doutorado na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Belo Horizonte) e na Universidade de Auckland (Nova Zelândia). Professor no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC Minas, onde lidera o Grupo de Pesquisa sobre Protestantismo, Religião e Arte.

cida na cena intelectual brasileira³. Em outras latitudes, notadamente na academia de expressão inglesa, tais abordagens estão bem estabelecidas⁴.

Dentro desta proposta, enquadra-se o presente capítulo que, tal como indicado em seu título, tem como tema a apresentação de alguns personagens de HQs que apresentam características messiânicas. Os estudos de caso serão extraídos da corrente *mainstream* dos quadrinhos estadunidenses, a saber, DC e Marvel. Para tanto, o capítulo seguirá a seguinte estrutura:

1. O conceito de messias na Bíblia Hebraica;
2. Messianismo nas ciências humanas e sociais;
3. O conceito de herói;
4. Arquétipos dos super-heróis nas HQs;
5. Exemplos de personagens messiânicos nas HQs.

A abordagem do capítulo será sugestiva, sem pretensões de ser exaustiva.

Tendo apresentado o roteiro a ser seguido pelo capítulo, prosseguiremos, apresentando, por primeiro, a *fons et origo* (“fonte e origem”) da ideia de messias, a saber, a Bíblia Hebraica.

O conceito de “messias” na Bíblia Hebraica

A palavra *messias* é a forma em português de מָשִׁיחַ – *maschiah*, que significa literalmente “ungido”. As línguas europeias todas têm uma versão para este termo hebraico: *messias* (português e alemão), *messiah* (inglês), *mesías* (espanhol), *mesi* (francês), *mesia* (italiano). Na Bíblia Hebraica, algumas pessoas recebiam uma unção com azeite, que simbolizava e representava uma capacitação especial concedida pelo Espírito Santo para a realização de determinadas tarefas. Dentre os *ungidos*, encontramos: o sacerdote (Êx 28,41), o profeta (1 Rs 19,16 – mas há que se observar que nem sempre há referência à unção de profetas), o rei (1 Sm 9,16). No Sl 45,7, encontra-se uma referência à uma unção e a um ungido diferente dos

3 Inter alia, Caldas (2015), Reblin (2015).

4 Inter alia, Stevenson (2021), Donhue-Martens, Simonson (2024).

demais: “Amas a justiça e odeias a iniquidade, por isso, Deus, o teu Deus, te ungiu com o óleo de alegria, como a nenhum dos teus companheiros”. A tradição cristã antiga interpretou o Sl 45 como sendo messiânico, isto é, como tendo cumprimento completo (*sensus plenior*) na pessoa de Jesus.

Talvez a definição mais simples e direta de messias na Bíblia Hebraica seja a de salvador: o messias é aquele que pode fazer por nós o que não podemos fazer por nós mesmos. Neste sentido, é útil lembrar os juízes, os *shophetim*. Eles não são chamados de messias na Bíblia, mas seu caráter é de tipo messiânico, pois foram “salvadores” que livraram o povo da opressão que sofreram da parte de potências estrangeiras. Jz 2,16 é paradigmático: “Então o Senhor Deus deu ao povo de Israel líderes fortes, chamados juízes, que os salvavam dos que os atacavam e roubavam” (NTLH). Nesta mesma direção pode ser lido o texto de Is 45,1, que chama o imperador Ciro da Pérsia de ungido de Javé.

No período pós-exílico e, posteriormente, no intertestamentário (ou interbíblico), foi surgindo e se fortalecendo cada vez mais na mentalidade popular a expectativa que Deus iria enviar um Messias especial, diferente dos demais, o Messias definitivo, que livraria seu povo para sempre de seus inimigos⁵. A Bíblia dos 70 traduziu o hebraico *maschiah* por Χριστός – Cristo. E foi como tal que Jesus foi identificado pelos seus seguidores: “Tu és o Cristo” (Mt 16,16 – o famoso texto da confissão de Pedro). Nos textos tardios do Novo Testamento, Jesus será referido como “Jesus Cristo” – literalmente, “Jesus Messias”. É o caso de 1 Jo 2,1: “Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo”.

Resumindo: o conceito de Messias é fundamental na tradição judaico-cristã. E, como se verá no restante do capítulo, este conceito influenciou a cultura *pop*, pois há personagens que são construídos com características messiânicas.

Ademais, tendo visto o conceito de Messias na Bíblia Hebraica, prosseguir-se-á apresentando o mesmo conceito na perspectiva das ciências sociais.

5 É vasta por demais a bibliografia técnica a respeito do significado de Messias na tradição judaica, e um tratamento exaustivo da questão fugiria dos objetivos do capítulo. Para detalhes, consultar, inter alia, Horsley (1997), Day (1999), Fabry, Scholtissek (2008).

Messianismo nas ciências humanas e sociais

Ainda que não seja o foco propriamente deste capítulo, vale uma palavra, posto que em síntese sobre o tema do messianismo nas ciências humanas e sociais. *Messianismo* tornou-se uma categoria, um termo técnico nas ciências sociais, como a sociologia e a ciência política. A ideia evidentemente é retirada da Bíblia. Em síntese, tem a ver com a crença que alguém, um líder popular que se crê enviado por Deus, uma pessoa dotada de carisma(s) ou características especiais, virá e conduzirá sua sociedade, ou seus seguidores, a uma era de paz e abundância. A obra clássica no Brasil a respeito do tema é *O messianismo no Brasil e no mundo*, da socióloga brasileira Maria Isaura Pereira de Queiroz (orientada de Roger Bastide). Publicada originalmente em 1965, a obra teve sucessivas reedições, e foi traduzida para o francês. Outros sociólogos brasileiros também se debruçaram sobre o tema, nomes de destaque na cena intelectual brasileira das ciências sociais, como Duglas Teixeira Monteiro (1974, 1977) e Renato da Silva Queiroz (1995).

A história brasileira tem muitos exemplos de movimentos messiânicos, ou seja, movimentos político-religiosos nos quais um líder carismático (no sentido weberiano) anunciou a vinda de um tempo de prosperidade. O messianismo político encontrou terreno fértil na mentalidade brasileira por conta da herança cultural lusitana. Um fato da história política de Portugal gerou uma vertente específica de messianismo. Trata-se do sebastianismo: em 1580 o jovem rei Dom Sebastião perdeu a vida na batalha de Alcácer-Quibir, no Marrocos. Ele nunca retornou para o acampamento português, seu corpo nunca foi encontrado, e os “mouros” nunca pediram resgate por ele, vivo ou morto. Este acontecimento misterioso (até hoje não devidamente explicado) fez nascer a lenda que Dom Sebastião teria sido levado para algum lugar sobrenatural, e que de lá voltaria quando seu país mais precisasse dele. A crença sebastianista foi trazida para o Brasil, e aqui deixou raízes profundas no solo da mentalidade popular. Por isso, não passa muito tempo sem que se levante alguém, algum líder político que passa a ser visto pelo povo como um “salvador da pátria”, um Dom Sebastião redivivo, que livrará o país de todas as mazelas.

Alguns destes movimentos messiânicos se tornaram famosos na história do Brasil, dentre os quais destacam-se a Revolta dos Muckers (1873-1874) na região de Sapiranga (RS), sob a liderança do casal Jacobina Mentz Maurer

e João Jorge (Hans Jörg) Maurer, Canudos (1896-1897), na Bahia, liderado por Antônio Vicente Mendes Maciel, o legendário Antônio Conselheiro⁶, o movimento dos Monges do Pinheirinho, na região de Encantado (RS) em 1902 (um movimento semelhante ao dos Muckers), e o movimento do Caldeirão de Santa Cruz do Deserto, na região do Crato (CE), liderado por José Lourenço Gomes da Silva, conhecido como Beato José Lourenço – este movimento contou com o apoio do também legendário Padre Cícero Romão Batista, o Padre Cícero. Em 1937, após a morte do Padre Cícero, o movimento foi massacrado por forças do Exército Brasileiro, a mando do então Presidente Getúlio Vargas.

Esses exemplos todos (a lista não pretende ser exaustiva) são de movimentos que mesclaram elementos religiosos, no caso, uma utopia de fundo milenarista, e políticos, no caso, a esperança da formação de uma sociedade igualitária e justa. Não é de se admirar que todos tenham sido destruídos de maneira violenta pelos poderes estabelecidos. Mas além destes movimentos, houve (e ainda há) também líderes que, ainda que não tenham formado grupos ou comunidades como os apresentados, foram ou são vistos por seguidores como “messias” portadores de uma missão divina para levar o povo a algum tipo de paraíso na terra. Qualquer líder político visto por seus seguidores como um “pai dos pobres” ou algo parecido enquadra-se como sendo de tipo messiânico.

O conceito de Herói

Herói e super-herói – palavras muito conhecidas, mesmo por aqueles que não se identificam como sendo *nerds* e, conseqüentemente, não consomem a cultura pop. Mas afinal, o que é um herói? O que o define? A palavra portuguesa “herói” vem do latim *heros*, que por sua vez vem da raiz grega ἦρωσ (hērōs), que significa “protetor” ou “defensor”. É curioso

6 A história de Canudos ficou imortalizada pelo relato de Euclides da Cunha em *Os Sertões* (publicado originalmente em 1902) e, mais recentemente, pelo romance *A guerra do fim do mundo* (publicado originalmente em 1981) do escritor peruano Mario Vargas Llosa, ganhador do Nobel de Literatura em 2010.

7 Considerando a amplitude do tema, esta parte do capítulo não entrará em detalhes técnicos e teóricos da teoria literária que distinguem tipos de heróis, como o herói trágico e o anti-herói. Para detalhes, consultar Kothe (1987).

observar que a ideia de herói deitou raízes profundas em praticamente todas as culturas da história humana, desde Gilgamesh, dos sumérios, considerado o primeiro herói da história (pelo menos, o primeiro do qual se tem notícia), até os nossos dias, literalmente dando a volta ao redor do planeta⁸. Alguns heróis nacionais de povos da antiguidade se tornaram muito conhecidos, como Hércules (ou Hércles), dos gregos, ou Bewoulf, dos escandinavos. Outros, embora tendo também realizado façanhas impressionantes, não são tão conhecidos como estes, como Cu Chulainn, dos celtas.

Independentemente de, muito conhecidos, como os heróis gregos – além de Hércules, muitos outros poderiam ser lembrados, como Ulisses (ou Odisseu), Perseu, Teseu, Aquiles... a lista é longa – ou não tão conhecidos assim, como o celta Cu Chulainn, fato é que a ideia de herói está presente no imaginário da humanidade praticamente desde sempre. E o que caracteriza o herói? Talvez a definição básica seja a que aponta para o fato de que o herói é alguém que, tendo habilidades especiais, as utiliza não em benefício próprio, mas em favor do próximo. Dentre as características de caráter e comportamento que definem o herói podem ser citadas (sem pretensão de apresentar uma lista exaustiva):

- Coragem;
- Força interior (resiliência);
- Luta pela justiça;
- Luta para proteger quem não pode se proteger;
- Considerar a vida dos outros (mesmo de pessoas que o herói ou heroína não conhece) como mais importantes que a sua própria;
- Obediência à lei estabelecida;

Resumindo em apenas uma palavra: altruísmo. O herói é quem vive de maneira altruísta, e não egoísta.

⁸ *A Epopeia de Gilgamesh*, escrita na língua acádica no segundo milênio antes de Cristo. Há uma edição em português, traduzida do acádio, pelo Prof. Jacyntho Brandão, da UFMG.